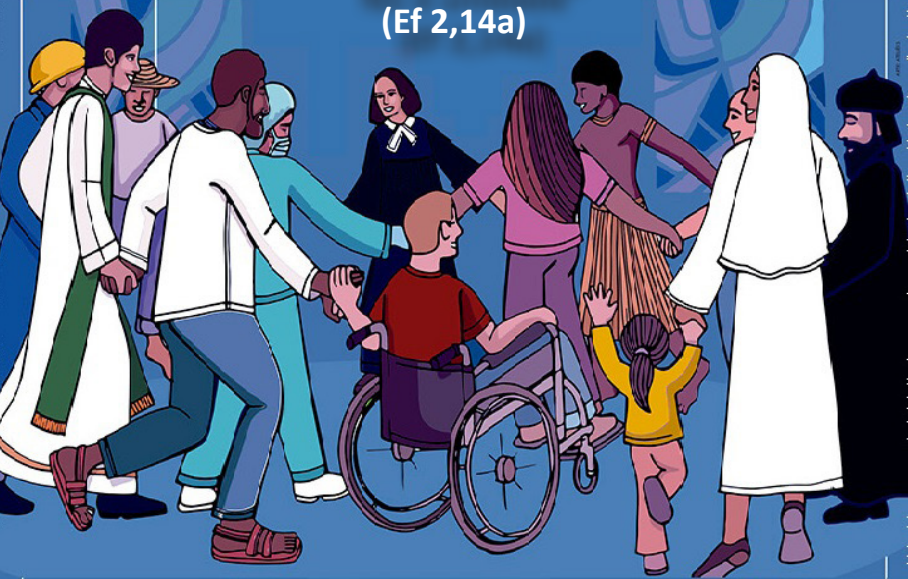


Fraternidade e Diálogo: Compromisso de Amor

“Cristo é a nossa paz:
do que era dividido
fez a unidade”
(Ef 2,14a)



V Campanha da Fraternidade Ecumênica



Movimento Boa Nova

Fraternidade e diálogo: compromisso de amor

*“Cristo é a nossa paz:
do que era dividido fez a unidade” (Ef 2,14a)*

Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021



Dom Cavati - 2021

Ficha Técnica:

Texto: Denilson Mariano e João Resende

Diagramação: Denilson Mariano

Revisão: Denilson Mariano e Dione Afonso

Imagens: Reprodução / Max Gonçalves

Capa: CFE 2021 - CONIC / CNBB

Edição Digital: PDF / ANYFLIP

ISBN nº 978-65-00-17711-4



Casa do Mobon
Rua Santa Maria, 346 - Serapião II
Dom Cavati - MG
Fone: (33) 3357-1348

Visite nosso site: www.mobon.org.br

Apresentação

Temos a alegria de apresentar a todos este Curso preparado pelo Ir. Denílson Mariano, SDN, da Equipe do MOBON (Movimento da Boa Nova), sobre a Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021. Com palavras e reflexões simples, ao alcance do nosso povo, este Curso desenvolve o tema: “Fraternidade e Diálogo, Compromisso de Amor”; e o lema: “Cristo é a nossa Paz: do que era dividido fez uma unidade” (Ef 2, 14a).

O Texto-Base foi preparado pelo CONIC, ou seja: o Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil, que inclui a Igreja Católica. Segue de perto a caminhada dos Discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35): Como Jesus ressuscitado, caminhando um dia inteiro com aqueles discípulos, transformou suas vidas, seu desânimo, sua desesperança, assim também, Ele quer fazer o mesmo conosco. A partir do nosso encontro com Jesus Ressuscitado, na Palavra de Deus e na Eucaristia, o Espírito Santo quer também transformar nossas vidas! Como aqueles discípulos, esquecendo nossos cansaços, empreendamos uma nova caminhada, para a todos anunciarmos: “Jesus Cristo está vivo, ressuscitado, vivendo entre nós, nos comunicando a vida nova, ressuscitada!”

Estamos completando um ano da pandemia da Covid-19 entre nós. Foi um ano difícil para todos. “Fomos obrigados a manter o isolamento social, a usar máscaras, evitar encontros e festas, restringir os abraços e visitas.” As igrejas foram fechadas. Nossas residências se tornaram os locais de praticarmos nossa Fé: lermos a Palavra de Deus, fazemos nossas orações, confissões e comunhões espirituais. Muitas Famílias fizeram em casa, semanalmente, as reuniões do Grupo de Reflexão! É verdade que sentimos falta das outras Famílias conosco, mas vivemos, o quanto possível, como Igreja Doméstica, como os primeiros cristãos (cf, At 2,42-47 e 4,32-34)!

Não sabemos ainda até quando teremos este regime de exceção. Mas será uma grande graça de Deus, se todas as nossas Famílias, passada a pandemia, continuarem a rezar unidas, em casa, todos os dias!

Deixo aqui a bênção para o Ir. Denilson Mariano, SDN e para toda a Equipe do MOBON; para todos e todas que irão participar deste Curso, por meio de lives, sobre a CFE 2021; e todos e todas que irão, também, aplicá-lo e as pessoas que dele participarão nas Comunidades.

A Virgem Maria interceda a Jesus por todos vocês. E o Senhor Deus, bondoso e misericordioso, os abençoe, em nome do † Pai e do † Filho e do † Espírito Santo. Amém.

Caratinga, 04 de fevereiro de 2021.

+ *Dom Emanuel Messias de Oliveira*
Bispo Diocesano de Caratinga

Introdução:

Somos presenteados com mais uma Campanha da Fraternidade Ecumênica (CFE 2021), esta é a sua quinta edição. Para reavivar nossa memória, lembramos que a 1ª aconteceu no ano 2000, em preparação à chegada do Novo Milênio: “Dignidade humana e paz: por um novo milênio sem exclusões”; a 2ª foi em 2005: “Solidariedade e paz: felizes os que promovem a paz”; a 3ª, em 2010, “Economia e Vida” - ‘Não podeis servir a Deus e ao dinheiro’ (Mt 6, 24). A 4ª Campanha Ecumênica foi em 2016, com a temática da Ecologia integral por ocasião da publicação da Carta do Papa Francisco Laudato Sí: “Casa Comum, nossa responsabilidade”, que fez ecoar, com força, a profecia de Amós: “Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca” (Am 5, 24).

Esta CFE foi elaborada por uma comissão ampliada formada pelas igrejas que fazem parte do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs (CONIC). São elas: Igreja Católica Apostólica Romana (www.cnbb.org.br); Aliança de Batistas do Brasil (www.aliandebatistas.org); Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (www.ieab.org.br); Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (www.luteranos.com.br); Igreja Presbiteriana Unida (www.ipu.org.br); Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia (www.igrejasirianortodoxa.org). Conta ainda com vários “membros fraternos”, entidades ecumênicas que somam forças na busca da unidade dos cristãos, da vida digna para todos e da defesa da nossa Casa Comum.

O tema desta CFE é: **“Fraternidade e Diálogo, compromisso de amor”**. O lema é: **“Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade”** (Ef, 2,14a). Esta CFE tem como objetivo principal: Inspirados e inspiradas no amor de Cristo, chamar, convidar as comunidades de fé e pessoas de boa vontade para pensar, avaliar e identificar caminhos para superar as polarizações e as violências através do diálogo amoroso testemunhando a unidade na diversidade (TB 3).

A CFE 2021 segue o método da caminhada dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). Por meio dele quer nos ajudar a VER e a conversar sobre as inquietações e desafios que trazemos dentro de nós; nos leva a JULGAR, sob a luz da Palavra de Deus, abrindo o coração para acolher a novidade da Boa Nova que nos anima e renova a partir de dentro; nos impulsiona a AGIR, com propostas concretas, a serviço da unidade e da paz; nos motiva a CELEBRAR o mesmo Deus, unindo forças, “num só coração e numa só alma”, a fim de construir pontes e não muros, como discípulos missionários, levando adiante a missão que o Senhor nos confiou.

Esta CFE 2021, acontece em sintonia com a preparação da primeira Conferência Eclesial Latino-americana, tempos novos para nossa Igreja. Ela soma forças com a última carta do Papa Francisco: *Fratelli Tutti* (Todos Irmãos), que fortalece a dimensão social da fraternidade. Somos todos filhos do mesmo Pai, a caridade não é para ser vivenciada apenas no círculo familiar e comunitário, ela deve ir na raiz dos males sociais para, de fato, edificarmos uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. Cultivemos juntos a unidade, a fraternidade e a paz.

1º Encontro:

Somos frágeis e limitados



Chave de Leitura: Lucas 24,13-24

1. Em que direção caminhavam os dois discípulos e sobre o que conversavam?
2. Qual a atitude de Jesus junto deles?
3. Que tipo de leitura os dois discípulos faziam dos últimos acontecimentos?
4. O que mais tem entristecido e esfriado a caminhada de nossas comunidades? Como transformar os desafios em oportunidades?

A morte violenta e cruel de Jesus na cruz foi um golpe duro demais para os discípulos. O medo da perseguição e a decepção tomavam conta de seu interior e lhes embaçava os olhos. Iam pelo caminho remoem-

do a dor e a tristeza dos acontecimentos que haviam presenciado. Era difícil acreditar que todo aquele ideal de vida nova e de anúncio do Reino, feito por Jesus, terminasse na cruz. Aqueles acontecimentos denunciavam a fragilidade e as limitações dos discípulos que fugiam de Jerusalém.

Neste ano passado (2020), a pandemia da Covid 19 evidenciou muitos desafios. Um vírus mortal e invisível denunciou nossa fragilidade pessoal, familiar, comunitária e social. Fomos obrigados a manter o isolamento social, a usar máscaras, evitar encontros e festas, restringir os abraços e visitas. Por outro lado, a pandemia escancarou situações de violências nos diversos seguimentos da sociedade: aumentou a violência doméstica, a agressão às mulheres, o feminicídio, o racismo, o oportunismo na corrida pelo auxílio emergencial, as polarizações políticas, agressões verbais e também psicológicas.

A pandemia, ao invés de unir o país ao redor de uma política comum de proteção da população, fez crescer a polarização, que já havia começado na eleição de 2014 e foi radicalizada na de 2018. Os debates levaram ao confronto entre os que defendiam o “cuidado com as pessoas” e os que pretendiam “salvar a economia”. Vimos o “retorno do Brasil ao mapa da fome, ao desemprego massivo, ao aumento das pessoas em situação de rua, à cultura da violência contra as mulheres, contra as pessoas negras, contra os indígenas e as pessoas LGBTQI+” (TB 31). Tudo isso foi exposto pela situação de pandemia.

As redes sociais tornaram-se palco de guerra, cheia de violências, desacatos, maus tratos e desinformação. Não raro as FAKE NEWS eram mais fortes e mais convincentes que os FATOS. Neste ambiente, também nos deparamos com fundamentalismos religiosos que ignoraram os cuidados sanitários e até justificaram atitudes violentas; espalhou-se uma onda de argumentos “negacionistas”, diante da ciência e dos protocolos da Organização Mundial da Saúde, contrários até à vacina, confundindo as pessoas e levando ao aumento do contágio e das mortes. Presenciamos ataques maldosos e agressivos à CFE, antes mesmo de seu lançamento.

Além disso, o poderio econômico dos grandes se fortaleceu, fez avançar o desequilíbrio ambiental com as queimadas e desmatamentos, fazendo “passar a boiada” com o desmonte do código ambiental, favorecendo o agronegócio, as mineradoras, os garimpeiros e as madeireiras. Invadiram áreas de preservação e aldeias indígenas provocando uma verdadeira devastação da natureza e poluição dos mananciais de água. Mais preocupados em “salvar” a economia que em salvar a vida das pessoas e do planeta. Em resumo, “a Covid-19 revela nossa fragilidade, nossa vulnerabilidade e nosso potencial autodestrutivo” (TB 26). A exemplo dos discípulos de Emaús, somos tomados por uma onda de medo, impotência e insegurança.

Mas, nem tudo está perdido em meio a esta pandemia. Temos muitos gestos de solidariedade dos profissionais da saúde arriscando suas vidas para salvar vidas. Igrejas solidárias passaram a fazer suas celebrações à

distância para evitar aglomerações. Houve também muitas ações solidárias de forma anônima. Nosso Papa Francisco denunciou a economia de mercado que degrada a vida e a natureza. Está incentivando o cuidado com a Amazônia juntamente com os povos indígenas, quilombolas. E agora nos presenteia com uma carta *Fratelli Tutti* (FT) que nos remete à caridade social, que nos recorda que somos todos irmãos: Somos “uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos” (FT 32).

Esta CFE, entre os seus vários objetivos, propõe: redescobrir a força e a beleza do diálogo como caminho de relações mais amorosas; comprometer-nos com as causas que defendem a nossa “Casa Comum”, denunciando a instrumentalização da fé em Jesus Cristo, que legitima a exploração e a destruição socioambiental; animar o engajamento em ações concretas de diálogo e de amor ao próximo (TB 3).

APROFUNDAMENTO: Em que, nós e nossas comunidades, ainda precisamos de conversão diante de toda esta situação de pandemia? Dê exemplos concretos.

2º Encontro: Sombras que quebram a fraternidade



Chave de Leitura: Isaías 58,6-12

1. Qual o jejum desejado por Deus?
2. Qual a recompensa para esse jejum?
3. O que mais Deus ainda espera?
4. Que ações concretas somos chamados a realizar a partir deste texto?

Em toda a Bíblia Sagrada, Deus se manifesta como o Deus que conduz o seu povo para a prática do direito e da justiça. Por isso, os atos de piedade, os gestos externos, os cultos e celebrações devem ser marcados por uma sincera atitude de mudança de vida, que revele a

sincera disposição de colocar em prática a vontade de Deus. Assim, o jejum querido por Deus é aquele que garante a prática da justiça, o agir com retidão, aquele que devolve a dignidade das pessoas, que socorre os famintos e dá abrigo aos pobres. Essa atitude faz a luz Deus brilhar sobre as trevas, esse jejum chega a Deus. E só assim, Deus escuta a oração de seu povo.

Quando o povo e as autoridades se afastam da justiça e do direito, as sombras se tornam mais densas e indicam a quebra da fraternidade querida por Deus. Uma dessas sombras que pairam sobre nós é como foi tratada a **crise econômica de 2018** que levou milhões de pessoas à pobreza e agora é reforçada pela pandemia. O socorro aos bancos foi muito maior e mais expressivo que o socorro aos pobres. A alegação foi de que o Estado era responsável por “salvar o sistema econômico mundial” (TB 48). Os recursos econômicos que deveriam ser investidos a serviço do povo: saúde, educação, moradia, geração de emprego e renda, foi desviado para alimentar o sistema financeiro. O resultado disso: desemprego, aumento da pobreza, da fome e das intolerâncias, pois, “para justificar essas desigualdades foram criados falsos inimigos, entre eles, os direitos humanos, os povos indígenas, as religiões de matriz africana, os mulçumanos (TB 49).

A sombra torna-se ainda mais densa com a chamada “**necropolítica**”, uma política da morte, uma política que mata. Por meio dela o Estado se julga no direito de decidir quem morre e quem vive. Nega-se a humanidade do outro. Por isso, são incentivadas as políticas de inimizades que nos fazem inimigos uns dos

outros. Exemplo disso é a repressão violenta contra os negros, os pobres, os homossexuais... a não regulação dos territórios indígenas, o descaso com o combate à Covid-19, a morosidade nas decisões e a politização do processo de vacinação. A “necropolítica” se volta contra as maiorias enfraquecidas que incomodam o sistema: juventude negra, mulheres, povos tradicionais, imigrantes, grupos LGBTQI+, vistos como “não cidadãos”, como não gente, como inimigos... (TB 58).

A sombra da **violência** é apresentada como solução dos problemas. Armar a população é a falsa propaganda que promete resolver o problema da segurança pública. Mas, na verdade, faz crescer a violência que se comprova nestes dados: entre 2008 e 2018 as taxas de homicídios cresceram 11,5% para as pessoas negras; aumentou 4,2% os assassinatos de mulheres, em sua maioria negras e ocorridos dentro de casa = feminicídio. As pessoas negras são as quem tem menor acesso às políticas públicas e as que mais sofrem violência e repressão policial. Essa visão faz crescer entre nós o preconceito, o racismo e a intolerância. O que ainda é reforçado pela falsa ideia de que direitos humanos servem apenas para “defender bandidos”. Um discurso que reforça as sombras de morte, faz crescer a violência policial, aumenta o número de assassinatos dos ativistas por direitos humanos e enfraquece a construção da justiça e da paz.

A sombra se manifesta com as **perdas das garantias trabalhistas e previdenciárias**, conquistadas ao longo de um extenso período histórico por meio de lutas e organizações populares. As reformas na Lei trabalhista

precarizaram o trabalho, atingindo principalmente as mulheres (70% das trabalhadoras domésticas ainda não tem carteira assinada). Aumentaram o número de trabalhadores informais, sem nenhuma garantia e o trabalho em situações análogas à escravidão.

A sombra se estende por meio da **depredação e devastação da Mãe Terra**. Ela tem sido agredida pelo avanço do desmatamento por interesses do agronegócio, das madeireiras, das mineradoras e garimpeiros, fazendo crescer as queimadas, o uso abusivo de agrotóxicos, a poluição com mercúrio, o efeito estufa, desequilibrando o clima e o ecossistema em prejuízo global, sobretudo para os povos indígenas e tradicionais.

Ao levantar essas questões, a CFE 2021 quer promover um diálogo maduro, fraterno e responsável que acorde em nós o compromisso de amor com a vida humana e a vida no planeta. Não podemos seguir a “onda” individualista e desumana que tem dominado as redes sociais. Precisamos ter senso crítico, analisar melhor a situação e nos guiar, primeiro, pelo amor de Deus revelado em Jesus. Como seguidores(as) de Jesus Cristo, temos que encontrar meios de colaborar para a construção de uma sociedade mais humana, justa, solidária e fraterna.

APROFUNDAMENTO: Nossa caminhada quaresmal tem feito de nós pessoas mais humanas, justas, solidárias e fraternas? O que ainda nos falta?

3º Encontro:

Contemplar com o coração



Chave de Leitura: Lucas 24,25-28

1. Qual a reação de Jesus diante dos dois discípulos?
2. Como Jesus usa as Escrituras?
3. No final da viagem como Jesus provocou os dois discípulos?
4. Temos sido perseverantes na reflexão da Palavra de Deus?

Jesus chama a atenção dos discípulos pois eles conheciam as Escrituras, mas não a utilizavam para iluminar os acontecimentos: “Como vocês costumam para entender, e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram!” (Lc 24,25). A Palavra de Deus

e a religião têm a missão de ajudar a abrir os olhos, devolver a esperança para o povo e a ter um olhar de otimismo diante das situações difíceis e violentas. Por isso, Jesus percorre as Escrituras procurando as passagens que ajudam a ler a realidade sofrida com novos olhos. Para além da decepção e do fracasso, a esperança, a vitória da vida sobre a morte.

Na medida em que Jesus explicita as Escrituras, o coração se abre e fica aquecido. A Palavra começa a iluminar de dentro para fora. Por isso, no relato de Emaús, mesmo quando cai a noite, está claro por dentro dos discípulos, pois eles passam a contemplar com o coração. Recordando a fala do Pequeno Príncipe: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.” A missão da religião é ser luz na vida das pessoas, é expulsar as trevas com a luz da Palavra de Deus. Jesus usa as Escrituras para expulsar as sombras de dor e decepção que haviam tomado conta dos discípulos.

Infelizmente, nem sempre a religião tem desempenhado esse papel de iluminar e aquecer os corações. Durante a pandemia, a pastoral da Igreja foi profundamente afetada, com muitas de suas atividades suspensas, sobretudo nos primeiros meses. Após o retorno, tais atividades têm sido realizadas com restrições, tendo impactos profundos na vida e na organização eclesial. As tecnologias digitais deram origem a inúmeras iniciativas, na liturgia, na pregação, na formação, na realização de encontros de todo tipo.

Porém, muitos discursos e pregações religiosas caminharam na contramão do Evangelho de Jesus

reforçando as sombras do medo e da intolerância: associaram a pandemia ao fim do mundo, espalharam teorias de conspiração (“vírus chinês”, “estratégia de dominação comunista”) que confundiam as pessoas. Atitudes irresponsáveis que se afastaram da prática de defesa da vida ao forçar a abertura das igrejas apesar do risco de contaminação e levar ao descrédito das palavras e recomendações do Papa Francisco. O que, de fato é o mais importante: templos abertos com celebrações numerosas (e o recolhimento do dízimo) ou serviço à vida preservando as pessoas do contágio do vírus?

A religião, que deveria dissolver as sombras, tem sido instrumentalizada para justificar atitudes racistas, discriminatórias e violentas. Isto se vê no anseio de forçar os indígenas a abandonarem as suas crenças religiosas, na violência contra os cultos de origem africana, ignorando que essa religiosidade tradicional é fonte de vida e resistência. Cresceu a intolerância religiosa que se fortalece com o racismo, o fundamentalismo e a xenofobia, ou seja, o preconceito que leva ao ódio e à violência com estrangeiros. Levantaram muros de separação, fortaleceram as polarizações. A verdadeira religião, a exemplo de Jesus, constrói pontes, aproxima as pessoas, busca a justiça e a paz. Faz “ver com o coração”.

Esta Campanha da Fraternidade, ao ser celebrada de forma ecumênica, quer recuperar esta atitude de Jesus que relê as Escrituras para iluminar os desafios que enfrentamos na realidade. Quer mostrar que apesar

de nossas diferenças, e até por meio delas, podemos nos reconhecer como irmãos e irmãs de diferentes confissões. Unidos temos mais forças para vencermos as sombras que nos rodeiam e prejudicam a tantas pessoas. Para isso precisamos abrir o coração, corrigir nosso olhar, rever nossas atitudes à luz das ações e dos ensinamentos de Jesus.

Na expressão de um jovem teólogo, Francisco Aquino Júnior, “temos que construir vacinas eficazes para a paz. Seus insumos fundamentais são ‘o direito e a justiça’ (Is 1,27) ... E sua produção se dá na força do Espírito, nas relações interpessoais e sociais e nas lutas pelos direitos dos pobres e marginalizados.” Isso está em sintonia com o Evangelho, com os ensinamentos da Igreja e com o Magistério do Papa Francisco.

APROFUNDAMENTO: O que temos cultivado mais: a paz e a unidade ou o ódio e a divisão? Que tal rever nossos relacionamentos em família e comunidade?

4º Encontro:

Converter-se e superar o ódio



Chave de Leitura: João 8,3-13

1. Porque os doutores e fariseus queriam apedrejar a mulher?
2. Como Jesus desmascara o legalismo dos acusadores?
3. Como Jesus age com a mulher?
4. Temos agido mais como Jesus ou como os doutores da Lei e fariseus?

Neste relato em que os doutores da lei e os fariseus trazem a mulher para ser apedrejada, o ódio ao pecado se mistura com um ódio ao pecador. O jeito de Jesus lidar com aquela situação é muito interessante. Ele

como que convida para tomar certa distância do fato, faz silêncio e começa a escrever no chão. Jesus como que chama a atenção para o está escrito na Lei e como os doutores a estavam interpretando. A lei dizia que o homem se tornava réu de morte e com ele a sua cúmplice, a mulher (cf. Lv 20,10). No entanto, somente a mulher estava para ser apedrejada. A Lei estava sendo distorcida em favor dos homens e em prejuízo das mulheres.

Jesus vai além e provoca outra atitude, Ele desafia: “Quem não tem pecado, atire a primeira pedra” (Jo 8, 7). Em outras palavras, quem está correto diante da Lei, faça cumprir a Lei. No entanto, todos eram devedores diante da Lei. Por isso, vão saindo aos poucos, - com certeza envergonhados -, a começar dos mais idosos. Depois, Jesus abre um diálogo com a mulher, por meio dele, acolhe e perdoa. Jesus nos revela a necessidade de nos convertermos, de superar o legalismo e o ódio. Também a necessidade de perdoar, pois toda pessoa é maior que o seu erro. Um erro cometido, por pior que seja, não tira o direito à vida. A vida é um direito inalienável, que não se perde, não se negocia...

Esta CFE 2021 quer que também nós sejamos mais atentos aos ensinamentos de Cristo e da Igreja. Não raro, muitos têm uma presença na comunidade de fé, vão à missa, participam dos sacramentos, até leem com regularidade a Bíblia, mas não trazem consigo as atitudes cristãs. São católicos e evangélicos, mas não são cristãos. Isto acontece quando as pessoas falam de paz, de amor, de fraternidade, mas não venceram o ódio que fez morada dentro delas. Por isso alimentam

atitudes racistas, discriminatórias, repetem que “bandido bom é bandido morto”, lutam contra o aborto, mas apoiam a pena de morte e a violência policial... O nome de Deus tem sido utilizado até para defender posições ideológicas contrárias à vida. Um exemplo de cristãos só de casca, feito “pão bolorento: bonito por fora, podre por dentro”.

No relato acima, as pessoas traziam as mãos cheias de pedra. Esta CFE 2021 quer nos desarmar. Mas tem encontrado muita resistência... Precisamos vencer o ódio com atitudes. Nos desarmar significa ajustar a vida à Palavra de Deus, vencer os preconceitos, aprender de fato a perdoar. Só assim podemos construir uma sociedade mais humana e fraterna. Somos convidados também a relançar a campanha contra as armas de fogo, não é armando a população que se resolve o problema da segurança pública. Esse problema passa pelo investimento na educação, na oferta de empregos, na qualificação para o mercado de trabalho, na valorização do trabalhador(a), na melhoria das condições de vida...

Tendo presente a importância da vivência cristã, de pautar a nossa vida pela Boa Nova de Jesus, esta CFE tem também por objetivo: denunciar as diferentes violências praticadas e legitimadas indevidamente em nome de Jesus; promover a conversão para a cultura do amor, como forma de combater cultura do ódio; fortalecer a convivência ecumênica e inter-religiosa (TB 3)

Esta CFE 2021 nos lembra: “As comunidades cristãs são chamadas a serem este espaço, que gera esperança e possibilita sonhar, exercitar e concretizar esta Boa Nova de que podemos ser protagonistas de histórias

sem discriminações, preconceitos e violências. Uma comunidade viva e coerente com o Evangelho esforça-se para experimentar esta nova realidade revelada em Cristo, ou seja, sem relações de injustiça, de poder opressor, de desigualdade, abuso e orgulho. Ser coerente com a Boa Nova é não cair na tentação de praticar a falsa paz da sociedade greco-romana. O esforço para não nos afastarmos da Boa Nova é diário. Sempre que nos afastamos da Boa Nova deixamos de ser “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5.13-16). Perdemos a capacidade de ser fermento na massa” (TB 139).

APROFUNDAMENTO: Conseguimos nos deixar medir com a mesma medida que medimos os outros? Em que precisamos melhorar?

5º Encontro: O diálogo é nosso melhor testemunho



Chave de Leitura: Marcos 7,24-30

1. O que leva uma mulher pagã puxar conversa com Jesus?
2. Como foi o diálogo entre a mulher e Jesus?
3. Qual o resultado do diálogo?
4. Apostamos mais no diálogo ou na imposição?

Jesus evita tornar-se um mero fazedor de milagres. Ao sair da Galileia, na direção de um território pagão, Tiro e Sidônia, Jesus busca ocultar-se. Porém, uma mulher sírio-fenícia, pagã e considerada impura, busca socorro para sua filha que é duplamente impura, por ser pagã e, ao mesmo tempo, por estar possessa de um espírito impuro. A princípio, Jesus assume o papel típico do judaísmo oficial que defendia que a salvação viria apenas para o povo judeu. Na versão de Mateus 15,21-28, Jesus não responde a mulher, seus discípulos propõem a expulsão dela, sem compaixão.

O diálogo é ainda pouco amistoso, na resposta de Jesus (Mc 7,27), os filhos são os judeus, os cachorrinhos os pagãos e o pão é Cristo. De modo inesperado, a mulher refaz a comparação utilizada por Jesus. Ela ajuda a direcionar a atenção para os que estão debaixo da mesa. Ajuda a examinar a situação, de outro ponto de vista: não o dos filhos, mas dos cachorrinhos. Com delicadeza, aponta para a necessidade de estender a salvação a todos. Por meio da mulher estrangeira, no diálogo com Jesus, nasce uma nova compreensão: o Reino de Deus é para todos.

Aparece aqui a importância do diálogo que abre novas possibilidades de comunhão e de unidade. Temos aqui um convite à comunidade cristã, para assumir uma atitude nova de reciprocidade e receptividade para além do seu próprio povo e para além de suas convicções religiosas. Uma maior abertura para a dimensão ecumênica da nossa fé, de verdadeira busca de comunhão. A divisão dos cristãos permanece como uma grande chaga no cristianismo e enfraquece o nosso testemunho missionário na sociedade, no mundo. O Evangelho nos convida para uma abertura à fraternidade humana, tão em falta ultimamente. Para a capacidade de diálogo com o diferente. Marcos 7,24-30 nos lembra que o Reino anunciado por Jesus é para todos. Para todas as raças, línguas e nações, afim de que possam se sentar à mesa, tornando-se filhas e filhos de Deus.

Faz parte dos objetivos desta CFE 2021 estimular o diálogo e a convivência fraterna como experiências humanas irrenunciáveis, em meio a crenças, ideologias e concepções, num mundo cada vez mais plural; compartilhar experiências concretas de diálogo e convívio fraterno (TB 3). Mais recentemente, as disputas ideológicas ao redor da vacina indicam que o acesso ao imunizante também

será marcado por grandes dificuldades, sobretudo para a população mais carente. A “volta ao normal”, tão desejada por tantas pessoas, não pode, porém, ser um retorno à maneira antiga de viver e de se relacionar com o mundo e as pessoas. Precisamos aprender a dialogar, sabendo que o diálogo abre novas possibilidades, leva a enxergar com outros olhos os que estão “debaixo da mesa”. Definitivamente, o diálogo é nosso melhor testemunho.

A CFE 2021 quer reforçar para todos nós que: “Em Cristo, a Boa Nova de paz é oferecida para todas as pessoas a fim de se construir uma nova humanidade, que não esteja dividida e nem orientada pela violência e pelas divisões, mas animada e alicerçada no amor, na graça de Deus e na unidade que se realiza pelo Espírito Santo (Ef. 2,18). A paz em Cristo tem seu fundamento na garantia das condições de vida para todas as pessoas [...]. Esta transformação é a esperança de que uma nova humanidade é possível” (TB 136).

Não tem sentido celebrar uma CF Ecumênica reunindo apenas os que já são católicos. Somos desafiados a buscar maior proximidade com nossos irmãos de outras igrejas, bem como de outras religiões. Que tal começarmos com uma visita aos vizinhos de outras Igrejas, pela promoção de ações comuns de enfrentamento da pandemia, de socorro aos que estão doentes, de amparo aos desempregados e necessitados!? Precisamos aprender a olhar nossos irmãos com outro olhar, mais acolhedor, humano e fraterno. Afinal, Jesus anunciou um Reino que é para todos e nos fez, a todos, irmãos e irmãs.

APROFUNDAMENTO: Em relação à comunhão com os irmãos de outras igrejas, temos nos esforçado para buscar o diálogo ou permanecemos indiferentes? Como podemos melhorar?

6º Encontro: Cristo é nossa paz e caminho de unidade



Chave de Leitura: Efésios 2,10-19

1. Por que havia desunião na comunidade de Éfeso?
2. Como Jesus Cristo constrói a unidade?
3. Na cruz, Cristo matou o ódio. Um seguidor de Jesus pode continuar a alimentar o ódio e a divisão?

No Novo Testamento, quem promove a paz é bem-aventurado, chamado “filho de Deus” (Mt 5,9). A paz é um dom do Cristo ressuscitado (cf. Jo 20,26). A Carta aos Efésios deixa claro que, com sua morte na Cruz, Jesus Cristo derrubou o muro de separação entre judeus e pagãos. A ressurreição de Jesus é um convite aberto para que os povos se unam e passem a formar o Novo Povo de Deus. A participação neste povo não se dá por laços de sangue, mas

por laços de fé na pessoa de Jesus Cristo. Pela decisão de reponder ao seu chamado e colocar-se no seu seguimento.

Essa paz em Cristo, que une povos diferentes, indica a reconciliação com Deus (cf. Ef 2,15ss), uma “adoção”, uma nova forma relacionar-se com Deus, não como servos, súditos ou escravos, mas como filhos amados de Deus. Por isso carregar o nome de cristão(ã) implica a superação da inimizade e do ódio. Implica aprender a “amar como Jesus amou”. Implica buscar a unidade para além dos conflitos, buscar a paz para além das divergências. Implica superar todas as formas de agressões, também nas redes sociais e a empenhar-se, decididamente contras a violência e a guerra, em suas mais variadas formas: física, verbal, virtual...

Não é sem motivo o puxão de orelhas do autor da Carta recomendando aos cristãos de Éfeso para não permenece-rem eternamente crianças na fé. Ele chama a comunidade para amadurecer na fé em Cristo. E isto vai acontecer na medida em que conformamos a nossa vida com a vida de Cristo. Significa aprender a amar sem restrições e sem impor condições: “Então, já não seremos crianças, jogados pelas ondas e levados para cá e para lá por qualquer vento de doutrina, presos pelas artimanhas dos homens e pela astúcia com que eles nos induzem ao erro. Ao contrário, vivendo o amor autêntico, cresceremos sob todos os aspectos em direção a Cristo que é a Cabeça” (Ef 4,14-15).

Jesus, continuamente nos convoca para a prática do amor (cf. Jo 15.12-13; Mt 5. 43-46a), do diálogo (cf. Lc 19.1-10; Mc 7.24-30; Jo 4.1-26), do perdão (cf. Lc 11.1-4; Jo 8.1-11), da compaixão (cf. Lc 13.10-17; Mc 5.25-43), do convívio fraterno (cf. Jo 4. 39-42; Jo 2.1-11). Jesus também ensina

que devemos ser resistência profética contra os poderes dominadores que escravizam e subjugam (cf. Lc 4.1-13; Mt 12.1-8; Jo14.13-21). Tendo Cristo derrotado esses poderes, todos somos livres para praticar a equidade, a inclusão e a unidade na diversidade (TB 132).

Em nossa sociedade, infelizmente temos visto crescer os muros que separam os povos, como na fronteira dos Estados Unidos com o México. Os muros do racismo que ignoram as raças escravizadas e querem perpetuar a submissão de negros e índios. Os muros da indiferença que geram bolhas sociais em que não se enxerga os empobrecidos, os moradores de rua, os explorados em subempregos e trabalhos semelhantes à escravidão. Os muros do medo e preconceito (xenofobia) contra os imigrantes e estrangeiros. Os muros da discriminação sexual que apelam para a violência e maus tratos contra pessoas LGBTQI+.

Diante de tantos muros torna-se ainda mais urgente o nosso testemunho cristão para, a exemplo de Cristo, sermos sinal de unidade. Se, de fato, Cristo é a nossa paz e, se de fato, agimos em Seu Nome, somos chamados a destruir os muros de divisão. Chamados a construir a unidade. Nossa missão é ser instrumentos da paz de Cristo. E não basta a paz interior, nos corações, é preciso construir a paz, a unidade, a fraternidade social, em socorro das vítimas, dos pobres, dos excluídos. Como o Papa Francisco tanto recomenda na *Fratelli Tutti*: “Cristo derramou seu sangue por todos e cada um, pelo qual ninguém fica sem seu amor universal” (FT 85).

Somos convocados a uma mudança global a partir de nossa realidade local. Lutar contra as causas estruturais (não

acidentais) da pobreza e da desigualdade que é a falta de Trabalho, de Terra e de Teto. A prioridade é vida de todos e não a apropriação de bens de alguns. O amor universal indica o respeito à vida e a toda pessoa humana, iguais em dignidade. Daí a importância da caridade política e social para promover a amizade social (FT Cap. V). E usar de todos os meios para evitar a injustiça da guerra (FT 256-262) e a pena de morte (FT 263-270). Afinal, se Cristo é a nossa paz, temos de ser instrumentos de paz.

APROFUNDAMENTO: Temos usado os meios políticos e sociais para construir pontes ou para reforçar muros entre nós? Em que podemos melhorar?

7º Encontro: Optar por Jesus: perseverar na comunidade



Chave de Leitura: Lucas 24,29-35

1. O que disseram os dois discípulos para o companheiro no final da caminhada?
2. O que acontece depois da partilha do pão?
3. Ao desaparecer, o que Jesus quer ensinar?
4. Depois de um encontro com Jesus, devemos nos tranquilizar ou partir em missão? Por quê?

O relato dos discípulos de Emaús aproxima a força da Palavra que aquece o coração e a força da Eucaristia (“partir o pão”) que abre os olhos e impulsiona para a missão. Aparece uma série de atitudes pedagógicas de Jesus. Elas querem ajudar a aprofundar a experiência de fé. Mesmo ouvindo o que eles conversavam, Jesus pergunta: “O que vocês andam conversando pelo caminho?” (Lc 24,17); Depois, Jesus faz de conta que ia seguir adiante e provoca o convite: “fica conosco, Senhor!” (cf. Lc 24,29) e, no partir do pão, quando eles O reconhecem, Jesus desaparece (cf. Lc 24, 31) para deixar claro que, mesmo quando os olhos não veem, Jesus caminha conosco.

O resultado é que o medo foi vencido e a esperança os converteu em anunciadores da Boa Nova. Se por fora era noite, depois do encontro com Jesus, se fez dia dentro deles. Esta CFE 2021 quer nos levar a celebrar esse encontro de qualidade com o Senhor. Quer nos ajudar a fazer a experiência do ressuscitado caminhando ao nosso lado, ajudando a vencer as tribulações do momento. Certo é que não estamos sozinhos e temos uma grande missão pela frente: testemunhar a alegria do ressuscitado com nossas vidas e não apenas com as nossas palavras.

Esta CFE pede que sejamos promotores do diálogo ecumênico, como uma forma concreta de buscar a unidade entre os cristãos. Pede que abracemos a **Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos** que acontece no período de Pentecostes. Este ano será de 16 a 23 de maio e terá como tema: “Permaneçei no meu amor e produzireis muitos frutos” (cf. João 15,5-9). É uma oportunidade de nos aproximar dos irmãos de outras Igrejas, respeitando o específico de cada uma, mas unidos pela oração. Todo ano é elaborado um subsídio com sugestões de tema, textos bíblicos, orações e ações de unidade. No site do CONIC encontramos maiores informações: www.conic.org.br.

O partir o pão leva os discípulos a abrirem os olhos. Somos chamados a alargar a nossa visão a respeito da diversidade religiosa presente no Brasil. Somos chamados a **lutar contra a intolerância religiosa**. Temos presenciado a negação das religiões indígenas e de matriz africana. Forçaram os índios a abandonarem seus rituais e a abraçarem o cristianismo; incendiavam e destróem Terreiros. Não raro acusando-os de estarem “possuídos pelo demônio”.

O respeito nos leva a crescer com a diversidade. Deus é Pai de todos. A clareza da minha fé me leva ao diálogo maduro. Ações violentas e de desrespeito denunciam a fragilidade e a imaturidade da própria fé.

Esta CFE nos convoca à realização de **missões ecumênicas**. Várias missões têm acontecido no Mato Grosso e em outros estados do Brasil. Veja a possibilidade de desenvolver alguma ação conjunta das igrejas no combate à pandemia e no auxílio aos mais carentes e necessitados. Outro empenho a ser assumido por nós é a busca de **superação da violência** como um todo e, de modo especial, a superação da violência contra as mulheres, a redução do feminicídio. Apoiar e defender essa causa é ser sinal e instrumento da paz de Cristo. Também a **defesa da nossa “Casa Comum”**. Ações em conjunto a favor da redução dos agrotóxicos, da preservação das nascentes, do uso consciente do solo, evitando queimadas, fazendo a coleta seletiva do lixo. Em cada ação “pensar global e agir local”. A minha atitude para o bem ou para o mal, interfere no todo. O pouco que fazemos, a serviço da vida e da defesa do planeta, faz uma diferença positiva no mundo.

Nesse contexto de pandemia, como evangelizar? Como ser testemunha da alegria do Evangelho e da paz de Cristo, sobretudo nas periferias humanas e existenciais...? Mas, de uma coisa temos certeza, não estamos sozinhos. O Ressuscitado caminha ao nosso lado e quer que caminhemos unidos como verdadeiros irmãos.

APROFUNDAMENTO: Esta CFE vai de fato nos levar à conversão e à mudança de atitudes a serviço da vida, ou só fazer uma cosquinha passageira? Qual o gesto concreto a partir desta CFE?

Cânticos para animar o encontro

01. O amor e a Cruz (Abertura)

L.: Crisógono Sabino, M.: Paulo Felix Delesposte

1. Libertemo-nos da garra do pecado / e corramos ao encontro de Jesus, / pois Ele é o autor de nossa fé, / e por nós a sua vida ofereceu, / revelando o amor que vem da cruz.

Quaresma tempo santo, dedicado à oração, / esmola e jejum, amor e conversão. / Tempo de rever a nossa vida de cristão.

2. Não deixai-vos abater pelo desânimo, / resisti ao tentador e ao pecado. / Entreguemos nosso fardo ao Senhor, / o descanso nele iremos encontrar, / nosso ânimo teremos renovado.
3. Nos salvastes ó Senhor e nosso Deus, / atraístes vosso povo tão disperso, / pra louvar e exaltar o vosso nome, / bendizer vossa glória, vosso amor, e formar um povo santo e liberto.

02. Louvor a Vós ó Cristo (Aclamação)

L. e M.: Tatiane, João Marcos, Crisógono e Míniison

Louvor a Vós ó Cristo, Rei da eterna glória (bis).

- 1º **Dom.** O Reino de Deus se aproxima, já se completou o tempo. / Converttei-vos, povo meu, e crede no Evangelho.

03. Dai-lhes Vós mesmos de Comer (Oferendas)

L. e M.: DR

1. Tanta gente vai andando na procura de uma luz, / caminhando na esperança se aproxima de Jesus. / No deserto sente fome e o Senhor tem compaixão, / comunica sua Palavra; vai abrindo o coração.

Dai-lhes vós mesmos de comer, / que o milagre vai acontecer! (bis)

2. Quando o pão é partilhado, passa a ter gosto de amor, / quando for acumulado gera morte, traz a dor. / Quando o pouco que nós temos se transforma em oblação, / o milagre da partilha serve a mesa dos irmãos.

04. Unidade na diversidade (Comunhão)

L. e M.: Jakson Moreira – Tarumirim, MG

1. Se nos desertos da vida encontrar / outros caminhos que impedem amar, / sou tua força frente a tentação, / faço unidade se há divisão.

Sou tua força, / Sou Pão da vida, / Vem comigo cear. / Estou contigo pelo caminho, / faremos o compromisso de amar.

2. Meu Filho amado se transfigurou, / Sua imagem fulgente ficou. / Sê a luz ao irmão clarear, / gestos de amor a se transfigurar.
3. Sofre meu povo na exploração, / autoridades em corrupção. / Eis o caminho pra santificar: / faz de tua vida um templo a zelar.
4. Amo este mundo, meu Filho te dou, / eis uma prova de meu grande amor. / Só persevera e caminha na luz, / quem se alimenta do Cristo Jesus.

05. Hino da CFE 2021 (Envio)

L.: Letra: Frei Telles Ramon, M.: Música: Adenor Leonardo Terra

1. Venham todos, vocês, venham todos, / Reunidos num só coração, (cf. At 4, 32) / **/: De mãos dadas formando a aliança, / Confirmados na mesma missão. (bis)**

Em nome de Cristo, que é a nossa paz! / Em nome de Cristo, que a vida nos traz: / Do que estava dividido, unidade Ele faz! (bis)

2. Venham todos, vocês, meus amigos, / Caminhar com o Mestre Jesus, **//: Ele vem revelar a Escritura / Como fez no caminho à Emaús (cf. Lc 24). (bis)**
3. Venham todos, vocês, testemunhas, / Construamos a plena unidade **//: No diálogo comprometido Com a paz e a fraternidade. (bis)**
4. Venham todos, mulheres e homens, / superar toda polaridade, **//: Pois em Cristo nós somos um povo, / reunidos na diversidade. (bis)**

Oração para superação da Pandemia

Cardeal José Tolentino Mendonça

“Livra-nos, Senhor, deste vírus, mas também de todos os outros que se escondem dentro dele.

Livra-nos do vírus do pânico disseminado, que em vez de construir sabedoria nos atira desamparados para o labirinto da angústia.

Livra-nos do vírus do desânimo que nos retira a fortaleza de alma com que melhor se enfrentam as horas difíceis.

Livra-nos do vírus do pessimismo, pois não nos deixa ver que, se não pudermos abrir a porta, temos ainda possibilidade de abrir janelas.

Livra-nos do vírus do isolamento interior que desagrega, pois o mundo continua a ser uma comunidade viva.

Livra-nos do vírus do individualismo que faz crescer as muralhas, mas explode em nosso redor todas as pontes.

Livra-nos do vírus da comunicação vazia em doses massivas, pois essa se sobrepõe à verdade das palavras que nos chegam do silêncio.

Livra-nos do vírus da impotência, pois uma das coisas mais urgentes a aprender é o poder da nossa vulnerabilidade.

Livra-nos, Senhor, do vírus das noites sem fim, pois não deixas de recordar que Tu Mesmo nos colocaste como sentinelas da Aurora.”



Oração da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021

Deus da vida, da justiça e do amor,
nós Te bendizemos pelo dom da fraternidade
e por concederes a graça de vivermos a
comunhão na diversidade.

Ajuda-nos a testemunhar a beleza do diálogo
como compromisso de amor,
criando pontes que unem
em vez de muros que separam
e geram indiferença e ódio.

Torna-nos pessoas sensíveis e disponíveis
para servir a toda a humanidade,
em especial, aos mais pobres e fragilizados,
a fim de que possamos testemunhar
Teu amor redentor,
e partilhar suas dores e angústias,
suas alegrias e esperanças,
caminhando pelas veredas da amorosidade.

Por Jesus Cristo, nossa paz,
no Espírito Santo, sopro restaurador da vida.
Amém.

